

ARTIGO

EXECUTIVO FIEL

2009

Ele está em toda parte. Camisa engomada, calça de vinco bem passado, mesmo que não seja a costura mais nobre. Em Nova Iorque, atravessa as ruas do sul da ilha às dezenas. Em São Paulo, preenche as milhares de janelinhas acesas nos prédios da Berrini, do centro, da Paulista, no final de tarde, no começo de noite, quando entra a madrugada e as mulheres vão se deitar, e os jovens se tornam todo o movimento das ruas.

Lá está ele, de olho no impresso ou no computador, aflito, atento, quase exausto. É o mesmo aqui, em Estocolmo ou Pequim.

Ele pode não reconhecer, mas é a nova expressão de uma velha história freudiana. A história já era velha para Freud.

Insuspeitado, irretorquível, é o homem trabalhador e honesto que sustenta a família ou luta pelo futuro. Falo daquele que não tira a camisa da empresa nem que a mulher que ele ama o chame na banheira.

Em algum momento na vida ele assumiu ser fiel ao trabalho. “É a garantia do futuro” – alguém lhe ensinou.

Alguns anos mais tarde, o futuro responde: são sintomas no corpo de que ele se queixa. Alergias, alguma dor de cabeça ou tensão muscular no pescoço, fenômenos de pele. Quando os conhecemos no consultório, muitas vezes é por isto. Palavras do médico: “seus exames não deram nada, seu corpo não diz nada, tente psicanálise”.

É como se a natureza humana punisse o pobre trabalhador resignado, que apenas fez o que era preciso, o que a sociedade recomendou.

Se não foi o médico, alguém lhe mostrou sua irritação. Ele desceu a mão nas crianças, ou é a memória que já não ajuda, ou o desejo sexual que foi sumindo, sumindo e não apareceu mais.

Mas as salas da companhia não transmitem estas doenças, ele está convicto. É claro que nenhum dos sintomas se deve ao trabalho.

O fiel compreende, enfim, que, sendo fraco no corpo ou na mente, deve se empenhar ainda mais, ou não estará à altura dos outros.

Ressentido, sigiloso sobre sua indicação de psicanálise, ele empurra o tratamento o mais que pode. Liga tímido para pedir horário, e até comenta com um ou dois vizinhos de mesa, com apelo de compreensão. É preciso estar bem para a companhia. Mas como desmarca sessões! Vai e volta de tempos em tempos, hesitante, tão titubeante sobre seu desejo de algo mais para a vida quanto de sua vontade de falar a respeito. E a desculpa é sempre tão grave que nunca passa por desculpa: nenhum de seus compromissos multinacionais pode esperar pequenos reclamos emocionais de um homem fiel a seu cargo, a seu chefe, à meta de resultados anual.

Mal sabe ele que, quando diz “conte comigo” na empresa, assina a autorização de seu desconto. Mal sabe ele que está repetindo uma velha história.

Dia após dia, a conta é cobrada. Cobram sua fidelidade, que logo vira esforço, que logo vira sacrifício e pena. Porque, afinal, como ele queria, contam com ele: é o “mais um”. Aquele jovem mestrando, aquele experiente advogado, aquele consultor que topa qualquer viagem mais longa e janta sozinho no quarto do hotel, lendo as planilhas para a manhã seguinte, ou o moço recém-casado do MBA em idioma difícil.

Ele é bom de cálculo, e gosta de ser o “mais um” nas temporadas de demissão, quando seu parceiro de time se torna o “menos um”. O fiel é orgulhoso. Sente-se especialmente confiável neste dia. Em tempos de demissão, seu “conte comigo” é um “nem olhem para mim”. Algo como “faço parte da máquina”. Sua medida de utilidade é tanta quanto sua invisibilidade e absoluta adequação profissional. Como parte operante, ele não chama a atenção. Quase nem muda a cor do terno na semana, para enfatizar sua atemporalidade na escrivania.

A ambigüidade é que o não-demitido é também o não-promovido. O fiel cabe bem e não sobra em nada. Muitas vezes, nem em ousadia, nem em alcance. O fiel e sua mulher, ou namorada, conversam sobre suas qualidades e a promoção o ano todo. Ou ele fala a respeito na hesitante psicanálise. São horas e horas sobre o sonho da viagem do próximo ano, que não vem. E mesmo que a promoção venha, o salário parece não bastar para a despesa. Se basta, então o tempo para merecê-lo foi tal que, quando contam mesmo com ele no trabalho (sucesso!), ele tem que ser descontado da vida amorosa, familiar, terrena.

Se olharmos de perto, o fiel tem razão: o trabalho não causa seus sintomas. A causa está no jogo de conta e desconta, em que ele acaba sempre descontado. Um desejo nulo, deixado para depois. É sua dor de viver. Para um bom freudiano, é sua posição subjetiva. Um jogo de ser aquele que não é.

O fiel tem em casa a mesma relação que com a empresa: oferece à mulher e aos filhos que contem com ele. Então, vai trabalhar de manhãzinha e só volta quando todos estão na cama. É marido e pai tão mais vigente quanto ausente, e a família respeita que sua forma de estar é não estar. Sua presença se dissolve em uma função abstrata e números no extrato.

Vai pedir ao psicanalista que aceite a mesma postura. Será aquele analisando do horário ausente, o trabalho analítico sempre suspenso e postergado pelo trabalho empresarial. Um homem do desejo que se afirma e então afirma que pode esperar. Para sempre.

Para viver no mundo, o fiel se esconde no mundo. Para ser homem de uma mulher, afasta-se da mesa e da cama. Para ser promovido e amado, torna-se invisível de tão impecável. Tal é a camuflagem adaptativa, que ele acaba esquecido, imemorable. Mais um. Frágil. O trabalhador.

Será que ele não estranha, com sua contabilidade de desconto pessoal, como outros conseguem ser pura presença em toda parte?